

Drácula ou o Desmortal

a partir da obra de Bram Stoker
Coletivo Soul (Brasil)

Temporada 2017/18 set — dez

Diretor Fernando Matos Oliveira
Diretora adjunta Luísa Lopes
Administração António Patrício

Comunicação
Coordenação Marisa Santos
Design gráfico PIMC/UC Catarina Pinto
Apoio à divulgação Fábio Magalhães
Fotografia Cláudia Morais

Produção Elisabete Cardoso

Equipa técnica
Direção técnica Filipe Silva
Luz Celestino Gomes, Daniel Oliveira
Audiovisual José Balsinha
Som Mário Henriques
Projeção e maquinaria de cena João Silva
Carpintaria cénica Laurindo Fonseca
Auxiliar técnico Rui Ventura

Bilheteira e Frente da casa
Coordenação Rosa Maria Marques
Bilheteira Catherine Carvalho,
Fábio Magalhães, Inês Patrício

Limpeza
Coordenação Antónia Mimoso
Equipa Cristina Monteiro, Julieta Costa

Assistência de sala
Adriana Ávila, Ana Luísa Santos,
André Gomes, Andreia Jesus, Andreia Silva,
Catherine Carvalho, Fábio Magalhães,
Gonçalo Correia, Hélder Rodrigues,
Inês Capelo, Inês Patrício, João Correia,
Joana Amado, Lurian Klein, Marcelo Couto

Design gráfico Bürocratik

Teatro Académico de Gil Vicente
Praça da República
3000-342 Coimbra

Horário da Bilheteira
segunda a sábado — 17h00 às 22h00

Informações e reservas
239855636

Bilheteira online
tagv.bol.pt
bilheteira@tagv.uc.pt

Horário do Café Teatro TAGV
segunda a sábado, feriados — 09h00 às 01h00
domingo — 10h00 às 20h00

Descontos para os espetáculos assinalados aplicam-se a menores de 25 anos, estudantes, comunidade Universidade de Coimbra, maiores de 65 anos, grupo ≥ 10, desempregados e parcerias TAGV

Apoios institucionais



Mecenas para a reabilitação



Apoio reabilitação



Parcerias



DRÁCULA OU O DESMORTAL, um escuro causado pelo excesso de luz
Peça do Coletivo Soul aborda a personagem de Bram Stoker para a trazer para a contemporaneidade. O resultado é uma encruzilhada.

Esta não é uma peça sobre vampiros. Pelo menos não com a estética e carga simbólica com que eles são hoje normalmente representados. “Esse imaginário dos vampirinhos de Hollywood, que brilham no sol, que se tornaram vegan e já não querem beber sangue, que passaram a ter crises morais e se culpam.” Esta é a imagem que nos chega após de milhares de adaptações teatrais, cinematográficas e literárias da personagem criada por Bram Stoker em 1897, refere André Feitosa, que veste a personagem na peça Drácula ou o Desmortal, que se estreia nesta quarta-feira no Teatro Académico Gil Vicente (TAGV), em Coimbra. Por oposição a esse retrato superficial, o Drácula é hoje uma figura que condensa em si os “lugares de uma nova marginalidade europeia”, entende. O espectáculo resulta de uma co-produção do TAGV com o Coletivo Soul, um grupo brasileiro que vem de Fortaleza. A montagem deste Drácula parte do texto original para teatro de Bram Stoker que, para além do célebre romance, escreveu também uma peça com o título Dracula or the Undead. A obra do escritor irlandês serviu de “chão”, conta a escritora portuguesa Patrícia Portela, que, com o brasileiro Alexandre del Farra, assina a dramaturgia desta peça. Portela traduziu o texto vitoriano, ao qual foram acrescentadas reflexões e considerações suas, de Del Farra e do encenador, Thiago Arrais. O resultado “não é um texto, não é uma colaboração, não é um dueto, não é um trio”. É antes “uma conversa”. Uma conversa que André Feitosa, que participou na investigação que contribuiu para a criação artística, descreve com a palavra “encruzilhada”.

(...) E o que pode trazer-nos de novo uma personagem com 120 anos? “O homem, ao querer saber tanto, de tanta luz, cegou.” É a escuridão causada pelo excesso de luz, aprofunda a Patrícia Portela. Por isso esta peça é também sobre o “iluminismo e o Homem moderno”. “[Nesta modernidade] não queremos conhecer. Queremos ter certezas. E a certeza diminui a capacidade de conhecimento”, sublinha a dramaturga.

Abordar esta figura no século XXI, entende Feitosa, não é mais do que “uma tentativa de abrir camadas”, uma “encruzilhada no tempo”. Socorrendo-se de um conceito do filósofo italiano Giorgio Agamben, o membro do Coletivo Soul explica que, no fundo, Drácula “é uma grande parede do tempo para falar da Europa, de várias eras e geografias”.

Uma proposta de interpretação

Sobre o trabalho a várias mãos Patrícia Portela regressa à ideia de camadas, em que não se pode dizer que o texto alimentou a cena, nem que o inverso tenha acontecido. O que se passa em palco é um encontro de várias pesquisas que resulta nessa sobreposição de camadas. Neste cenário, “não existe um entendimento comum. Existem vários Dráculas, há espaço para várias vozes”, acrescenta.

O que sobe ao palco pretende também questionar as premissas com que cada um de nós concebe o mundo. É a partir desta interrogação que vale a pena explicar o motivo pelo qual o Coletivo Soul foi à Amazónia, se o objectivo passava por abordar um texto anglo-saxónico com mais de um século de existência. André Feitosa conta que na região da Cabeça do Cachorro, na Amazónia, “foram mapeadas 11 cosmogonias (descrições hipotéticas de criação do mundo) para narrar o começo do mundo fora do repertório ocidental”.

A criação de Bram Stoker emerge assim como chave de “outras temporalidades que não estão acessíveis, mas continuam presentes”. “E continuam a contar outras narrativas que a gente não sabe operar.” O escritor fazia parte de círculos ocultistas, numa época em que “intelectuais estavam tentando trazer velhas narrativas para recontar a história do mundo através do simbolismo”. Da ideia de Europa que não começa na Odisseia de Homero. “Será que a gente suporta uma outra ontologia durante duas horas de espectáculo?”, pergunta Feitosa.

Outra camada de leitura é a “encruzilhada” desta personagem com origem na Roménia, um país que serve de porta entre o Leste europeu e a “Europa que venceu, de Londres e da Revolução Francesa”. “Esta é uma peça da Europa, construída pelas margens da Europa”, sintetiza o actor. Neste sentido, o facto de a estreia deste espectáculo ser em Coimbra – a cidade onde está instalada a universidade que teve um papel preponderante na colonização portuguesa – não é inocente, servindo igualmente como confronto com o passado. Depois de uma outra sessão na quinta-feira, o projecto segue para o Brasil, onde tem apresentações previstas em Fortaleza, São Paulo e no Rio de Janeiro. A ideia é regressar depois à Europa, mas ainda não há datas marcadas.

— Camilo Soldado, Público, 15 de novembro de 2017

A partir de obra de Bram Stoker
Dramaturgia Alexandre dal Farra, Patrícia Portela
Direção Thiago Arrais
Interpretação Clara Monteiro, Ed Freitas, Evan Teixeira, Janaina Marcout, Magno Carvalho
Música Juliano Abramovay
Preparador vocal Evan Teixeira
Cenografia Maira Ortins
Carpintaria de cena Laurindo Fonseca
Figurino Carlota Lagido
Desenho de luz Mafalda Oliveira
Colaborador “Cabeça do Cachorro” Erlan Souza
Consultor “Cabeça do Cachorro” Carlos Emilio Correa Lima
Consultor histórico/estético André Feitosa
Documentarista André Moura Lopes e Zhang Qinzhe
Produção Magno Carvalho e Janaina Marcout
Coprodução Teatro Académico de Gil Vicente, Coletivo Soul
Projeto distinguido com o Prémio Rumos Itaú Cultural 2015/16 (Brasil)
Fotografia Cláudia Morais

Projeto UN-DEAD: DESMORTAIS DO INOMINÁVEL (Brasil, Roménia, Alemanha, França e Portugal)
Coprodução (Portugal) TAGV, Laboratório de Investigação e Práticas Artísticas (LIPA)
Apoio Rumos Itaú Cultural
Parceria Prado Espaço Ruminante, FOIRN, IFAM, Coletivo Difusão, Baião de Dois Filmes, Escola Porto Iracema das Artes, BeCoimbra
Duração 2h15
para maiores de 18
QUA 15 e Qui 16 nov
Local auditório TAGV
Estreia absoluta

PRÓXIMO ESPETÁCULO
MINICAT
SÁB 18 NOV 2017
Local auditório TAGV